

Orquestra Gulbenkian

Giancarlo Guerrero direcção musical

Antonio Meneses violoncelo

Euarda Melo soprano

Daniel Binelli bandoneón

12 Out 2019 · 18:00 Sala Suggia



casa da música



GULBENKIAN
MÚSICA

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Roberto Sierra

Fandangos (2000; 12min)

Marlos Nobre

Concerto para violoncelo e orquestra (2019; c.32min)

1. *Con fuoco*
2. *Estático – Molto lento*
3. *Vivo*

2ª PARTE

Heitor Villa-Lobos

Bachianas brasileiras n.º 5 (1938/1945; c.9min)

1. *Ária (Cantilena): Adagio*
2. *Dança (Martelo): Allegretto*

Astor Piazzolla

Sinfonía Buenos Aires, op. 15 (1951; c.26min)

1. *Moderato – Allegretto*
2. *Lento, con anima*
3. *Presto marcato*

Roberto Sierra

VEGA BAJA (PORTO RICO), 9 DE OUTUBRO DE 1953

Fandangos

O fandango é uma dança popular espanhola cujos primeiros registos datam do século XVIII. Associado à Andaluzia, foi rapidamente integrado em peças teatrais e transportado para as colónias americanas, onde foi transformado, originando variantes locais que gozaram de grande popularidade. O compositor porto-riquenho Roberto Sierra estilizou essa dança a partir dos célebres fandangos setecentistas de Antonio Soler e Luigi Boccherini. Residentes em Espanha, estes desempenharam um papel central em adaptar os géneros locais a contextos distintos como a música para teclado e a música de câmara. Tendo estudado em Porto Rico e na Alemanha, o compositor apresenta o encontro entre a Europa e as Américas adaptando à orquestra técnicas associadas à guitarra andaluza, sempre pontuadas pelas típicas castanholas e recorrendo a instrumentos de percussão característicos do mundo latino-americano.

Composta em 2000, a obra *Fandangos* resultou de uma encomenda do maestro Leonard Slatkin, então director da National Symphony Orchestra, e foi estreada em Washington a 28 de Fevereiro de 2001. Apesar da forte presença do passado, ubíqua no recurso a uma ideia melódica e rítmica que ecoa na música de Soler, *Fandangos* apresenta-se como uma elaboração livre desses materiais – uma actualização do género fantasia, tão importante na música instrumental do Renascimento e do Barroco ibéricos. Sierra mistura células do passado, trabalhando-as e desenvolvendo-as como elementos de uma estrutura periódica repetitiva, com técnicas

desenvolvidas na segunda metade do século XX, criando uma interessante trama contrapontística. Assim, a inspiração no século XVIII funciona como um pretexto para um trabalho motivico variado e contrastante. A obra tem início com uma introdução que prepara a entrada dos ritmos de dança sobre uma harmonia recorrente em toda a peça, a qual é interpolada por curtas e contrastantes passagens numa linguagem musical da contemporaneidade. Neste contexto, Sierra apresenta uma obra marcante pela sua vivacidade rítmica cujo impacte cénico é intensificado através do recurso a uma orquestração exuberante que funde Europa e Américas, passado e presente.

JOÃO SILVA, 2019

Marlos Nobre

RECIFE, 18 DE FEVEREIRO DE 1939

Concerto para violoncelo e orquestra, op. 127

Este Concerto foi escrito entre Janeiro e Março de 2019. A encomenda de uma obra pensando especialmente no intérprete que faria a primeira audição, no caso o grande violoncelista Antonio Meneses, além da Osesp, orquestra com a qual tenho uma relação muito especial, junto às demais orquestras parceiras na co-encomenda da obra, foram o estímulo primordial deste Concerto.

Como sempre acontece comigo, a primeira etapa é a de encontrar o impulso inicial e depois a concepção global da obra. Este é um trabalho que sempre faço mentalmente, anotando algumas ideias e a forma geral da obra. Este trabalho exclusivamente mental eu elaboro sem qualquer ajuda de instrumento e nasce, de certa forma, da primeira ideia. Quando esta

se solidifica mentalmente passo a anotar, de forma frenética, as principais linhas da partitura. Concebi a obra imediatamente em três andamentos: *Con fuoco*, *Estático – Molto lento* e *Vivo*, portanto um esquema clássico da forma. Poderia definir o primeiro andamento como essencialmente dramático, o segundo lírico e o terceiro virtuosístico.

Nada entretanto posso, de maneira formal e descritiva, dizer da real composição. Desde há já muito tempo que utilizo dois métodos muito claros no meu trabalho: 1) a improvisação mental, durante a qual anoto rapidamente todo o material; 2) a realização pela escrita da obra imaginada. Por outro lado, é para mim realmente impossível analisar friamente nesta etapa o trabalho feito. Há uma constante oscilação na minha mente entre um estado de concepção quase cerebral, praticamente objectiva, misturado com um outro estado de alucinação sonora, alucinação muito controlada, devo acrescentar. Na concepção deste Concerto, eu parti inicialmente do plano subjectivo, não tão controlado, escrevendo de forma quase alucinante toda a obra. Depois desta fase vem, após um repouso mental, a análise, eu diria, quase fria e extremamente objectiva do material. Começo então realmente a compor a obra nos seus detalhes tanto na micro como na macroestrutura. Esta última etapa é, ao mesmo tempo, de crítica e criação.

MARLOS NOBRE, 2019

Vencedor do Prémio Tomás Luís de Victoria como o maior compositor da Ibero-América na actualidade pelo conjunto da obra, Marlos Nobre foi Professor Visitante das Universidades de Yale e de Indiana (EUA) e Presidente do Conselho Internacional de Música da UNESCO.

Heitor Villa-Lobos

RIO DE JANEIRO, 5 DE MARÇO DE 1887

RIO DE JANEIRO, 17 DE NOVEMBRO DE 1959

Bachianas Brasileiras n.º 5

Tal como na primeira obra deste programa, a música do século XVIII europeu é também o suporte das *Bachianas Brasileiras* de Heitor Villa-Lobos. Escritas entre 1932 e 1945 para um efectivo musical variado, essas obras inspiraram-se em elementos rítmicos, melódicos e harmónicos da música de Bach e misturaram-nos com elementos da música popular brasileira. Nesse período alargado, um golpe militar colocou Getúlio Vargas no poder no Brasil, onde se manteve até à sua renúncia em 1945. A promoção de um modernismo de cariz nacionalista foi um dos aspectos culturais mais marcantes da Era Vargas, intensificando e adaptando tendências estéticas desenvolvidas na década de 1920. Nesse contexto, reuniram-se escritores e folcloristas como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, que indicaram o caminho a seguir pelas outras artes. Paralelamente, Villa-Lobos desempenhou um papel central no desenvolvimento da educação musical no Brasil durante o Estado Novo, regime que durou de 1937 a 1945 e que coincidiu, praticamente, com a escrita da *Bachiana Brasileira* n.º 5. A obra foi escrita para soprano e *ensemble* de violoncelos entre 1938 e 1945 e é uma das peças mais conhecidas da música erudita brasileira. Tal como nas outras *Bachianas*, Villa-Lobos inspirou-se na *suite* barroca, estilizando elementos da cultura popular brasileira. O primeiro andamento – *Ária (Cantilena)* – evoca a atmosfera melancólica das modinhas luso-brasileiras do final do século XVIII e do início do século XIX. Em forma A-B-A, as secções extremas baseiam-se numa linha melódica sinuosa

e quase operática sobre um acompanhamento esparso dos violoncelos, enquanto a secção B remete para o registo do recitativo. O poema é da autoria de Ruth Valadares Corrêa, a cantora que estreou esse andamento a 25 de Março de 1939. O segundo andamento, estreado em 1945, consiste numa dança viva interpolada por secções intermédias contemplativas. *Dança (Martelo)* evoca os géneros poéticos cultivados pelos repentistas nordestinos e registados na literatura de cordel. Aqui, Mário de Andrade empregou os conhecimentos de folclorista na concepção de um texto em versos decassilábicos, que Villa-Lobos enfatiza a partir de um *ostinato* que acumula e dissipa tensão. A rusticidade nordestina é misturada com uma abordagem neobarroca evocativa do trabalho de compositores como Igor Stravinski.

Astor Piazzolla

MAR DEL PLATA, 11 DE MARÇO DE 1921

BUENOS AIRES, 4 DE JULHO DE 1992

Sinfonia Buenos Aires, op. 15

A transformação operada no tango por Astor Piazzolla assentou na sua formação erudita e jazzística. Nascido na Argentina, acompanhou a sua família a Nova Iorque, onde se destacou enquanto menino-prodígio do bandoneón. Regressado a Buenos Aires em 1937, reintegrou-se no meio da música popular, compondo, tocando e fazendo arranjos para agrupamentos famosos. Em paralelo, Piazzolla teve aulas com o compositor argentino Alberto Ginastera, o que contribuiu para a sua adaptação do tango, género musical urbano, às salas de concerto.

A *Sinfonia Buenos Aires, op. 15*, é uma das obras mais marcantes do período de formação do compositor, reflectindo um período de expe-

rimentalismo criativo de Piazzolla quando este se encontrava mais próximo do modernismo erudito. Terminada em 1951, ganhou o prémio Fabián Sevitsky em 1953, que consistia numa bolsa de estudos para aperfeiçoamento musical na Europa. Dessa forma, Piazzolla seguiu para Paris, onde estudou com Nadia Boulanger. A sinfonia foi estreada em Buenos Aires a 16 de Agosto de 1953, tendo a inclusão do bandoneón numa obra sinfónica causado algum escândalo. Um aspecto a destacar na sinfonia é a orquestração, que usa o colorido orquestral de forma a enfatizar os grandes contrastes sonoros. O primeiro andamento tem início com uma introdução vertical e solene em acordes paralelos, à qual se seguem breves solos de instrumentos de sopro. Seguidamente, o padrão rítmico característico do tango é apresentado, suportando os jogos de pergunta e resposta dos vários naipes da orquestra e a constante troca de melodias. Adensando a textura e aumentando a intensidade, Piazzolla encarregou o bandoneón de conduzir uma melodia que remete para o tango cantado, pontuada pelos instrumentos de bocal. O andamento termina com um breve retorno ao material da introdução. O lirismo *cantabile* do *Lento, con anima* é protagonizado pelos solos dos instrumentos de sopro e do bandoneón, interpretando longas linhas melódicas que contrastam com a percussividade do andamento seguinte. O final, em forma A-B-A, é dominado pelas acentuações do tango e pela percussividade, reforçados pelo colorido orquestral. Aí, as secções extremas são marcadas pela vivacidade rítmica, intensificada pelas fortes acentuações, o que contrasta com um interlúdio contemplativo.

JOÃO SILVA, 2019

Notas ao programa gentilmente cedidas pela Fundação Calouste Gulbenkian

Giancarlo Guerrero direção musical

Giancarlo Guerrero cumpre actualmente a décima primeira temporada como Director Musical da Orquestra Sinfónica de Nashville. É também Director Musical da Filarmónica de Wrocław, na Polónia, e Maestro Convidado Principal da Orquestra Gulbenkian. Nasceu na Nicarágua, mas emigrou para a Costa Rica na infância. O seu talento musical permitiu-lhe estudar percussão e direcção de orquestra nos Estados Unidos da América, tendo obtido o grau de Mestre em Direcção de Orquestra pela Northwestern University.

Ao longo da sua carreira, Giancarlo Guerrero foi distinguido com seis Grammy Awards. Para além de dirigir as principais orquestras norte-americanas, é também uma presença regular à frente das grandes orquestras europeias. No domínio da ópera, dirigiu produções de *Carmen*, *La bohème* e *Rigoletto* na Ópera Lírica da Costa Rica. Estreou-se na Ópera de Houston em 2015, tendo então dirigido *Madama Butterfly*. Os seus compromissos na presente temporada incluem, entre outras, novas actuações com a Sinfónica de Boston, a Sinfónica do Estado de São Paulo, a Sinfónica de Bamberg e a Sinfónica da Nova Zelândia. Em Janeiro de 2020 dirigirá a Filarmónica de Wrocław numa digressão por doze cidades norte-americanas. Giancarlo Guerrero dedica-se também com entusiasmo às orquestras de jovens, colaborando com o Curtis Institute of Music (Filadélfia), a Colburn School (Los Angeles), a Yale Philharmonia e a National Youth Orchestra (Nova Iorque), tutelada pelo Weill Music Institute do Carnegie Hall.

Antonio Meneses violoncelo

Antonio Meneses nasceu em 1957 em Recife, no Brasil, no seio de uma família de músicos. Começou a estudar violoncelo aos dez anos de idade e aos dezasseis conheceu o italiano Antonio Janigro, famoso violoncelista de quem foi aluno em Düsseldorf e Estugarda. Em 1977 venceu o Concurso Internacional ARD, em Munique, e em 1982 recebeu o 1º Prémio e a Medalha de Ouro no Concurso Tchaikovski, em Moscovo. Ao longo da sua carreira, apresentou-se com as mais prestigiadas orquestras mundiais nos principais palcos da Europa, das Américas e da Ásia, em colaboração com maestros de renome internacional. Dedicado músico de câmara, foi membro do lendário *Beaux Arts Trio* durante dez anos (1998-2008). Realizou também digressões com o Quarteto Vermeer e apresentou-se em recitais com os pianistas Menahem Pressler e Maria João Pires. Ao longo das últimas duas décadas, tem-se apresentado com regularidade no palco da Fundação Gulbenkian.

Antonio Meneses realizou duas gravações com o maestro Herbert von Karajan e a Orquestra Filarmónica de Berlim. Destacam-se ainda gravações integrais das obras para violoncelo de Villa-Lobos, David Popper e C. P. E. Bach, as Suites para violoncelo solo de J. S. Bach, peças para violoncelo e piano de Schubert e Schumann e ainda o CD dedicado aos Concertos para violoncelo de E. Elgar e H. Gál, que foi nomeado para um Grammy. Antonio Meneses é professor no Conservatório de Berna e orienta cursos de aperfeiçoamento na Europa, nas Américas e no Japão.

Eduarda Melo soprano

Formada em Canto pela Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto, Eduarda Melo integrou o Estúdio de Ópera da Casa da Música e o elenco do prestigiado CNIPAL em Marselha. Foi galardoada com o 2º Prémio do Concurso Internacional de Toulouse. É convidada a participar regularmente em festivais na Europa e a apresentar-se em prestigiados palcos de ópera como Glyndebourne, Marselha, Lille, Nice, Caen, Dijon e Paris. No domínio lírico ou em concerto, cantou sob a direcção de maestros de renome como Marc Minkowski, Jérémie Rohrer, Ton Koopman, Hervé Niquet, Jean-Claude Casadesus ou Antonello Allemandi. No domínio da ópera, destacam-se os papéis de Irmã Constance (*Dialogues des Carmélites*), Corinna (*Il viaggio a Reims*), Rosina (*O barbeiro de Sevilha*), Elvira (*L'italiana in Algeri*), Norina (*Don Pasquale*), Musetta (*La bohème*), Despina (*Così fan tutte*), Primeira-dama (*A Flauta Mágica*), Rinaldo (*Armida* de J. Mysliveček), Stéphano (*Romeu e Julieta*), Frasquita (*Carmen*), Gabrielle (*La vie parisienne*), Valencienne (*A Viúva Alegre*), Spinalba e Fedra (*La Spinalba e L'ippolito*, de F. A. de Almeida), Ascanio (*Lo frate 'nnamorato*), Zemina (*As Fadas* de Wagner), Vespina (*L'infedeltà delusa* de Haydn) e Elle (*La voix humaine*). No âmbito da música contemporânea, participou em criações de António Pinho Vargas, Nuno Côrte-Real, Luís Tinoco e Nuno da Rocha. Colabora regularmente com Le Concert de la Loge (Julien Chauvin), Divino Sospiro e Ludovice Ensemble.

Daniel Binelli bandoneón

Daniel Binelli é um mestre do bandoneón e um dos expoentes da música de Astor Piazzolla. Em 1989 juntou-se ao Sexteto Nuevo Tango de Piazzolla, com o qual realizou várias digressões internacionais. Como solista, apresentou-se com muitas orquestras, incluindo as Sinfónicas de Filadélfia, Atlanta, Virgínia, Sidney, Montréal, Otava, São Petersburgo e Zurique, tendo colaborado com maestros como Charles Dutoit, Lalo Schiffrin, Franz Paul Decker, Giancarlo Guerrero, Robert Spano, JoAnn Faletta, Giselle Ben Dor, Isaiah Jackson, Michael Christie, Lior Shambadal e Daniel Schweitzer, entre outros. Dirigiu a ópera-tango *Maria de Buenos Aires*, de Piazzolla, com a cantora italiana Milva. Actuou com a pianista Polly Ferman, com o guitarrista Eduardo Isaac e com o Binelli-Ferman-Isaac Trio. É o Director Musical da companhia Tango Metrópolis.

Daniel Binelli é também compositor, tendo criado obras para instrumentos solistas, conjuntos de câmara e orquestrais e música para ballet e cinema. A sua versatilidade permite-lhe trabalhar com diferentes linguagens musicais, desde o estilo do tango tradicional até ao contemporâneo. Entre as orquestras e outros agrupamentos que lhe encomendaram novas composições e arranjos incluem-se a Sinfónica da Tonhalle de Zurique, a Sinfónica de Edmonton, a Filarmónica de Buffalo, a Filarmónica de Montevidéu, a Sinfónica da Colômbia, a Buglisi-Foreman Dance Company, a Tango Metropolis Company, a Glamour Tango Company e a Orquestra Típica Osvaldo Pugliese.

Orquestra Gulbenkian

Lorenzo Viotti maestro titular

Giancarlo Guerrero

maestro convidado principal

Leonardo García Alarcón maestro associado

Nuno Coelho maestro convidado

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de actividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adoptada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efectivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efectivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respectiva arquitectura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Actua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significa-

tiva função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua actividade, tendo até agora efectuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas.

No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua actividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio.

Violino I

Jan Orawiec* (concertino principal)
Francisco Lima Santos
(1º concertino auxiliar)
Bin Chao (2º concertino auxiliar)
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura*
David Ascensão*
Mafalda Rodrigues*
Tomás Costa*

Violino II

Alexandra Mendes (1º solista)
Jordi Rodriguez (1º solista)
Ana Paliwoda* (1º solista)
Cecília Branco (2º solista)
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Luciana Cruz*
Flávia Marques*
Félix Duarte*
Miguel Simões*
Joana Weffort*
David Bento*
Rui Cristão*

Viola

Samuel Barsegjan (1º solista)
Lu Zheng (1º solista)
Leonor Braga Santos (2º solista)
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Artur Mouradian*
Leonor Fleming*
Nuno Soares*
Chiara Antico*
Precília Diamantino*
Bárbara Pires*
Milan Radojac*

Violoncelo

Varoujan Bartikian (1º solista)
Marco Pereira (1º solista)
Martin Henneken (2º solista)
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis
Jaime Polo*
Catarina Távora*
Lara Ariznabarreta*

Contrabaixo

Pedro Vares de Azevedo
(1º solista)
Domingos Ribeiro (1º solista)
Manuel Rego (1º solista)
Marine Triolet (2º solista)
Maja Plüddemann
Romeu Santos*
Vanessa Lima*
Gil Brito*

Flauta

Cristina Ánchel (1º solista)
Ana Filipa Lima* (2º solista)
Amália Tortajada (2º solista)

Oboé

Pedro Ribeiro (1º solista)
Nelson Alves (1º solista auxiliar)
Alice Caplow-Sparks (2º solista)
(corne inglês)

Clarinete

Iva Barbosa (1º solista)
Telmo Costa (1º solista)
Ricardo Alves* (1º solista)
José María Mosqueda (2º solista)
(clarinete baixo)

Fagote

Ricardo Ramos (1º solista)
Vera Dias (1º solista auxiliar)
Maria Raquel Saraiva (2º solista)

Trompa

Gabriele Amarù (1º solista)
Kenneth Best (1º solista)
Luís Sousa* (1º solista)

Eric Murphy (2º solista)
Darcy Edmundson-Andrade
(2º solista)
Nuno Cunha* (2º solista)

Trompete

Adrian Martinez (1º solista)
Carlos Leite* (1º solista auxiliar)
David Burt (2º solista)
Jorge Pereira* (2º solista)

Trombone

Sérgio Miñana (1º solista)
Emanuel Rocha* (1º solista)
Rui Fernandes (2º solista)
Pedro Canhoto (2º solista)
Tiago Noites* (2º solista)

Tuba

Amílcar Gameiro (1º solista)

Timbales

Rui Sul Gomes (1º solista)

Percussão

Abel Cardoso (2º solista)
Sandro Andrade* (2º solista)
Duarte Santos* (2º solista)
Tomás Rosa* (2º solista)
José Vitorino* (2º solista)

Piano/Celesta

Inês Mesquita* (1º solista)
Taíssa Cunha* (2º solista)

Harpa

Carolina Coimbra* (1º solista)

*instrumentistas convidados

Coordenação

António Lopes Gonçalves

Produção

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Raquel Serra
Fábio Cachão

OUTONO EM JAZZ

13 OUT DOM · 21:00 SALA 2

THEO CROKER “STAR PEOPLE NATION”

THEO CROKER trompete

SHEKWOAGA ODE bateria

ERIC WHEELER baixo

MICHAEL KING teclados

KEVIN HAYS E LIONEL LOUEKE

KEVIN HAYS piano e voz

LIONEL LOUEKE guitarra e voz

15 OUT TER · 21:00 SALA SUGGIA

THE ART ENSEMBLE OF CHICAGO

ROSCOE MITCHELL saxofones e flauta

DON MOYE bateria, congas e percussão

HUGH RAGIN trompete, trompete piccolo e fliscorne

TOMEKA REID violoncelo, BRETT CARSON piano

SILVIA BOLOGNESI contrabaixo, JUNIUS PAUL contrabaixo e objectos

DUDU KOUATÉ percussão africana

ILHAN ERSAHIN'S ISTANBUL SESSIONS

ILHAN ERSAHIN saxofone

ALP ERSONMEZ baixo

TURGUT ALP BEKOGLU bateria

IZZET KIZIL percussão

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

